

# AQUELES QUE VÃO PARA O CASSINO: MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS CORPORAIS INFAMES DE UM BAIRRO- BALNEÁRIO

Gustavo da Silva Freitas  
Méri Rosane Santos da Silva

**Resumo:** *Intervir na construção das memórias das práticas corporais de uma localidade significa apostar em uma possibilidade de fortalecer os laços afetivos e de pertencimento da comunidade com as positivities do seu cotidiano. Essas práticas e suas memórias apresentam essa positividade na medida em que os saberes produzidos endereçam, aos corpos dos indivíduos, processos de subjetivação que educam e pedagogizam. Assim, interessa ao trabalho construir parte das memórias relativas às práticas corporais ocorridas no Casino, um bairro-balneário localizado na cidade de Rio Grande/RS, fundado em 1890, conhecido originalmente por abrigar famílias abastadas que copiavam a forma de ocupação dos balneários europeus.*

**Palavras-Chaves:** *Memória, Práticas Corporais, Infame*

**Resumen:** *Intervenir en la construcción de las memorias de las prácticas corporales desde una ubicación significa apostar a una oportunidad para fortalecer los lazos de afecto y pertenencia en la comunidad con la positividad de su vida cotidiana. Estas prácticas y sus recuerdos tienen esta positividad en esa dirección de los conocimientos producidos, los cuerpos de las personas, los procesos subjetivos que educar y pedagogized. De ahí que es trabajar para construir parte de las huellas de las prácticas del cuerpo se produjo en el Casino, un distrito turístico, ubicado en Río Grande / RS, fundado en 1890, originalmente conocido por albergar a familias ricas que copiaron la forma de ocupación de estaciones de esquí europeas.*

**Palabras Clave:** *Memoria, Prácticas Corporales, Infame*

**Abstract:** *Intervene in the construction of memories of corporal practices from one location means betting on a chance to strengthen the ties of affection and belonging in the community with the positivity of their daily lives. These practices and their memories have this positivity in the moment that inscribe the knowledge produced, the bodies of individuals, subjective processes that educate and pedagogized. Therefore the interest in this work is to build part of related memories to body practices occurred in the Casino, a neighborhood-balneary, located in Rio Grande / RS, founded in 1890, originally known for host opulent families who copied the form of occupation of the Europeans balnearies.*

**Key words:** *Memoirs, Bodily Practices, Infamous*

## Introdução

Casino é um bairro-balneário localizado na cidade de Rio Grande no Rio Grande do Sul, fundado no final do séc. XIX. A opção pela utilização da nomenclatura Casino em detrimento à Vila Siqueira – primeiro nome –, ou Cassino – nome atual – está na forma como o local ficou popularmente conhecido por abrigar um local de jogos

de azar frequentado por famílias tradicionais da região de origem inglesa, alemã e portuguesa.

Num exercício mobilizador do pensamento na escrita desse trabalho, instiga pensar como as pessoas do início do século XX encontravam formas de habitar a praia, enquanto lugar e bairro. Sem precisar quais, certamente possuiriam outras caracterizações as práticas corporais que se faziam presentes respeitando o contexto sócio-histórico da época.

Passado e presente, nessa proposta, confundem-se apesar de uma cronologia que os distancia. Um passado que faz sentido a partir do momento que é problematizado no presente, fazendo-se memória. Compreender nosso presente é também significar nossas memórias, principalmente quando tomamos a memória não apenas como um fato histórico, datado em um certo momento, mas sim como algo que traz consigo um componente ético que fala das experiências singulares de cada um.

Nesse sentido, intervir na construção das memórias culturais, esportivas, corporais, pertencentes a uma determinada cidade, região ou bairro, significa antes de tudo apostar em uma possibilidade de fortalecer os laços afetivos e de pertencimento desta comunidade com as positivities<sup>1</sup> do seu cotidiano.

As práticas corporais e as memórias apresentam essa positividade na medida em que os saberes e conhecimentos produzidos endereçam, aos corpos dos indivíduos, processos de subjetivação. Por serem produzidos por práticas sociais – discursivas ou não discursivas – que dele falam, os saberes educam e pedagogizam os corpos a partir dos fundamentos da ciência moderna, ainda que esses mesmos saberes, vai dizer Foucault (1995), escapem do domínio científico e estejam contidos também em ficções, narrativas, em decisões políticas, em regulamentos institucionais.

### **Maneiras de Habitar um Bairro-Balneário**

Pensando as práticas sociais na esfera do bairro, Pierre Mayol (1996) aponta a ingerência deste na produção de estilos de vida dos seus moradores, afirmando ser esta prática “[...] uma arte de conviver com parceiros (vizinhos e comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.” (p.39). A ocupação dos espaços do bairro vai definindo maneiras de se sentir pertencente a esse lugar, pois, “[...] o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido.” (p.40)

A particularidade do Casino não ser *somente* um bairro, mas também um *balneário*, propõe um certo cuidado ao se pensar essas questões de pertencimento. Isso porque se hoje ainda assistimos um movimento migratório para as residências de praia durante a temporada de veraneio, que, somados aos moradores do ano todo, preenchem o bairro, ao final do séc. XIX e início do século XX, essa movimentação era restrita à temporada.

---

<sup>1</sup> Diferenciando-se da concepção positivista (racionalismo) do pensamento, positividade é aqui entendida na perspectiva foucaultiana que trata o conceito de saber e a sua produção a partir da própria ordem interna. O saber em sua positividade toma por referência ele mesmo, numa relação direta com a produtividade do poder: “Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.” (FOUCAULT, 1990, p. 148)

Já desde os meados do século XIX, vinham-se ampliando as estações balneárias em todo o litoral francês, onde chalés no estilo helvético eram construídos por ‘novos ricos’ ou ‘velhas famílias’. [...] e é, nesse espírito, que surge o balneário Cassino destinado ao lazer e aos prazeres e são construídas as primeiras residências de veraneio para famílias abastadas, estrangeiros, aristocracia rural e comercial gaúcha. (PEREIRA, 2005, p.29)

A construção de um balneário espelhado àquilo que vinha acontecendo na Europa, acrescido da particularidade de não ser um bairro de moradia fixa, mas temporária, e por seu afastamento significativo do centro da cidade<sup>2</sup> – o que poderia lhe caber a caracterização de periferia –, fez com que o local não fosse, a princípio, ocupado por qualquer cidadão.

A preocupação em definir o balneário como um lugar destinado às famílias “de sobrenome”, as quais construíram seus chalés ao longo da Avenida principal, era manifestado inclusive por algumas práticas corporais da época:

O footing<sup>3</sup> e o jogo de cricket, na praia, segundo Denis Lawson – descendente de família britânica, uma das primeiras a construir no balneário – eram hábitos de seus pais, com amigos e familiares. Todos em trajes elegantes: vestidos longos, sombrinha, terno alinhado, picareta e bengala. Sua prima, Vera Lawson Domingues, cita que seu pai, com um chapéu de explorador e bengala ‘adorava caminhar...caminhava, às vezes, até a barra...pela praia. Era conhecido porque...quase ninguém caminhava naquele tempo’. (PEREIRA, 2005, p.43)

As roupas, os modos de se comportar, as condutas, os objetos, as práticas passam a configurar uma das formas de pertencer a esse novo lugar. No entanto, essas formas de ocupar e estabelecer vínculos afetivos com o local em que se vive não são harmônicos se tomarmos as práticas sociais como resultantes de relações de poder<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo em que uma elite aparece tentando demarcar território, uma gente não famosa disputa uma visibilidade nesse mesmo local, como é possível intuir através do estudo de Pereira (2005):

O horário da manhã era considerado como o mais adequado para os banhos e os passeios. À tarde era ocupada por aqueles que realizavam serviços domésticos. O Sr. Walter Ferreira dos Santos, morador desde a década de vinte, diz-nos que ‘o mar era

---

<sup>2</sup> O trajeto entre o centro da cidade e o Casino, hoje feito em estrada asfaltada por cerca de 18km, foi realizada até meados da década de 20 exclusivamente por trem, sendo substituído aos poucos pelos ônibus.

<sup>3</sup> Passeio a pé.

<sup>4</sup> Segundo Michel Foucault, o poder produz e é produzido pelos sujeitos inseridos nas práticas sociais, sejam elas discursivas ou não discursivas. Ao contrário de um poder localizado, que alguém o possa deter, o autor vai dizer que o mesmo se exerce, é relacional: “Na medida em que as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que isso implica um em cima e um em baixo, uma diferença de potencial. [...] para que haja um movimento de cima para baixo, é preciso que haja ao mesmo tempo uma capilaridade de baixo para cima.” (FOUCAULT 2003, p. 144)

uma dádiva...o banho uma maravilha' [...]. Costumava tomar três banhos. Às dez horas 'era o banho chique. Às quatro, cinco horas...ia à praia mas não tomava banho'. Ficava de longe, curioso, pois algumas 'senhoras mais fáceis, que freqüentavam a zona portuária', também escolhiam a tarde, para suas idas à praia. Finaliza dizendo que 'hoje está tudo modificado. Tudo misturado. (p.36-37)

Nessa perspectiva interessa ao presente projeto construir parte das memórias relativas às práticas corporais ocorridas no bairro-balneário Casino, sobretudo aquelas que podemos chamar de infames. O termo infame, conforme o pensou Foucault (1996), é utilizado para identificar sujeitos sem fama, a todas as vidas que estavam destinadas a transcorrer à margem de qualquer discurso sem que jamais fossem mencionadas. No entanto, complementa o autor, é possível falar delas, mesmo que brevemente, porque de uma forma ou de outra elas tratam com o poder. Nesse projeto, falar da presença das famílias abastadas (de origem germânica, portuguesa e inglesa) que veraneavam nos seus chalés em estilo europeu significa pensar na presença de famílias não-famosas que construíram esses mesmos chalés. O que faziam para além do trabalho? Como se deslocavam para o bairro-balneário? Que práticas corporais e em que lugares exerciam seus prazeres e divertimentos? De que forma se distinguiam das chamadas elites? Como acabavam estabelecendo laços de pertencimento nesse lugar?

He querido que estos personajes fuesen ellos mismos oscuros, que no estuviesen destinados a ningún tipo de gloria, que no estuviesen dotados de ninguna de esas grandezas instituidas y valoradas - nacimiento, fortuna, santidad, heroísmo o genialidad -, que perteneciesen a esos millones de existencias destinadas a no dejar rastro [...] (FOUCAULT, 1996, p. 124)

Falar desses não-famosos não significa ir em busca de uma história escondida que precisa ser revelada. Na perspectiva histórica aqui concebida, na esteira foucaultiana, interessa dar importância as fontes empíricas sem a solidificarmos, sem a sacralizarmos. Essa ruptura, interessada mais nas descontinuidades do que na linearidade do tempo, propõe uma análise histórica em que “[...] o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos.” (FOUCAULT, 1995, p.6). É partir para um entendimento da história como uma narrativa cuja construção,

[...] envolve inúmeras reflexões como, por exemplo, sobre as fontes a serem trabalhadas, as opções teórico-metodológicas, a trama, a tessitura do texto, as interpretações, a narrativa, a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado – objeto de investigação – e o presente – tempo no qual escreve o(a) historiador(a). (GOELLNER, 2007, p.15)

Além de ter por referência os estudos históricos de Michel Foucault, a sustentação dessa pesquisa pressupõe suas bases teóricas na História Oral<sup>5</sup>, pois se constitui em um importante campo metodológico que traz consigo a marca de ser uma metodologia que se propõe sintonizada às recentes rupturas epistemológicas e aberta ao diálogo com outras ferramentas investigativas, favorecendo e incentivando o uso conjunto de fontes orais, imagéticas e escritas (THOMPSON, 1992).

Para este estudo, as fontes escritas adquirem centralidade visto a intenção de trabalhar com crônicas de jornais da cidade<sup>6</sup>, sem descartar a utilização de fotografias e entrevistas. A potencialidade de se trabalhar com as crônicas está no fato de que falam das coisas do dia-a-dia, tem como matéria-prima os pormenores do cotidiano, aquilo que há de miúdo. Por estar num veículo de comunicação efêmero, como o jornal, diferente do livro, sua dimensão está entre as pessoas e as coisas<sup>7</sup>.

Dessa forma, as crônicas se constituem como documento não mais como “matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros.” A história se faz história quando “procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. [...] ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental” (FOUCAULT, 1995, p. 7).

## Conclusão

Em suma, mais do que datas históricas, esta pesquisa está direcionada às singularidades socioculturais presente nas manifestações das práticas corporais de um bairro da cidade do Rio Grande, sobretudo daqueles infames. Os vínculos dessa pesquisa com a sociedade podem se mostrar bastante férteis, principalmente pelo forte interesse e legitimidade cultural que alcançaram as práticas corporais/esportivas. Neste âmbito, as memórias servem também como uma referência para registrar e organizar essas práticas, delegando um espaço privilegiado para as experiências da cidade e, especificamente, do bairro-balneário Casino, que possuiu um vínculo cultural com a população, mas que historicamente ainda carece de um olhar atento do universo acadêmico.

---

<sup>5</sup> Segundo Paul Thompson (1992), “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.” (p. 44)

<sup>6</sup> Pereira (2005, p.27) ao falar sobre a abertura da linha de trem inaugurada em 26 de janeiro de 1890, afirma que os “jornais da época, Echo do Sul e Diário do Rio Grande, anunciavam os horários da nova linha, das paradas, e os respectivos preços das passagens e transportes.” Acredita-se que, para além dessas informações, os jornais traziam aspectos acerca das práticas e costumes encontrados ao “fim da linha”.

<sup>7</sup> Ao contrário das metanarrativas, as crônicas são fragmentos descompromissados com o sentido de totalidade, mas preocupadas com seu tempo. Neves (1992), apud Maroneze (2007), afirma que a crônica é um gênero colado ao tempo: “Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. (...) A crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.” (p. 51)

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 18.ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. La vida de Los Hombres Infames. In: \_\_\_\_\_. **La Vida de Los Hombres Infames. Coleccion Caronte Ensayos**. La Plata: Acme S.A.C.I., 1996. p. 121-138.

GOELLNER, S. V. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, S. V. & JAEGER, A. A. (orgs.). **Garimpando memórias: esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História – PUC/RS. 2007.

MAYOL, P. Morar. In CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEREIRA, Célia Maria. **Memórias de um Balneário: patrimônio edificado do Cassino**. 2.ed. Rio Grande: SALISGRAF, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

### Endereço para Correspondência

Gustavo da Silva Freitas  
Rua Agenor Oliveira Costa, 382  
Bairro Cassino  
Cep: 96205-280  
Rio Grande/RS

gsf78\_ef@hotmail.com